

A História de Crianças que viveram o Isolamento Compulsório no Educandário Eunice Weaver em Belém do Pará (1942-1980)

*Jatiana do Socorro Corrêa Pacheco**

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa realizada no doutorado em Educação que teve como objetivo central explicitar a infância e as experiências educativas de crianças que não possuíam hanseníase, mas viveram isoladas no Educandário Eunice Weaver em Belém/Pará. A singularidade do grupo que frequentou a instituição os tornou atores centrais nesse processo de isolamento, nos direcionando para um estudo que nos possibilitasse apreender e registrar as experiências dos sujeitos que vivenciaram as suas infâncias naquele espaço e tempo. Os procedimentos adotados foram à entrevista em história oral híbrida e temática e a pesquisa documental. Organizamos as fontes orais em temáticas com base nas experiências mais significativas que emergiram das narrativas dos ex-internos sobre a infância e o cotidiano das crianças na instituição, com o intuito de nos aproximarmos da vida das crianças na instituição. Autores como Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Erving Goffman, nos deram aporte para as análises empreendidas. Os resultados da pesquisa revelam uma história de crianças que foram retiradas do convívio com

* Doutora em Educação (PPGED/UFPA), na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade. Professora Adjunta da Universidade Federal Rural da Amazônia-UFRA (Belém/PA), email: tatianacpacheco@gmail.com

seus familiares e do convívio social, construindo assim uma forma de se vivenciar a infância baseada no isolamento, no controle dos corpos infantis por meio do disciplinamento e da violência física e psicológica.

Palavras-chave: História da Infância-Pará. Cotidiano de crianças. Infância em instituição.

ABSTRACT

This article presents some results of the research carried out in the doctorate in Education, whose main objective was to make explicit the childhood and educational experiences of children who did not have leprosy, but lived isolated in the Eunice Weaver School in Belém/Pará. The uniqueness of the group that attended the institution made them central actors in this process of isolation, leading us to a study that allowed us to apprehend and record the experiences of the subjects who experienced their childhoods in that space and time. The procedures adopted were the interviews in oral and thematic oral history and the documentary research. We organized the oral sources on themes based on the most significant experiences that emerged from the narratives of the ex-inmates about children and the daily life of the children in the institution, with the purpose of getting closer to the children's life in the institution. Authors like Michel Foucault, Mikhail Bakhtin and Erving Goffman, gave us input for the analyzes undertaken. The results of the research reveal a history of children who were withdrawn from their relationship with their families and from social life, thus constructing a way of experiencing childhood based on isolation, control of infantile bodies through discipline and physical and psychological violence.

Keywords: History of Childhood-Pará. Daily life of children. Childhood in institution.

1 INTRODUÇÃO

A Lepra, doença que posteriormente passou a ser denominada de hanseníase¹, marcou a história da humanidade e está incluída em temáticas que envolvem a exclusão social e merece destaque e atenção, por ter acionado por meio do saber médico o isolamento institucional dos doentes e de seus filhos; como a principal medida profilática de controle e prevenção da doença, orientando a organização social e espacial do Brasil, com a criação das instituições de isolamento como os Leprosários para crianças e adultos hansenianos e os Educandários para crianças filhas de hansenianos que não possuíam hanseníase.

A história da hanseníase possui uma estreita relação com as formas de tratamento dos doentes e o isolamento sempre esteve como alternativa eficaz no bloqueio à proliferação desta, ou seja, a hanseníase teve o isolamento como sua marca maior, e esta ação se estabeleceu científica, social e culturalmente, pela noção de contágio que a doença apresentava. Os riscos de contágio que as crianças saudáveis corriam, em função da convivência no mesmo espaço familiar com os seus pais doentes; suscitou a adoção de políticas que refletissem os esforços do poder público em sanar os problemas e perigos sociais causados por doenças como a hanseníase, pois a doença aparecia em alguns discursos médicos como o mais grave problema sanitário do país.

O isolamento tornou-se um imperativo legal no Brasil no Governo de Getúlio Vargas. As crianças, filhas de pessoas com hanseníase, também foram incluídas na política de isolamento compulsório, tendo que passar a infância em instituições pensadas e criadas para o seu

¹ O nome lepra foi substituído por hanseníase pela lei nº 9010 de 29 de março de 1995, que dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase. Nesse estudo adotaremos a denominação hanseníase. O termo lepra será utilizado quando fizermos referência a documentos e textos do período em que esta denominação ainda predominava no Brasil.

atendimento – os Preventórios/Educandários. O período de proliferação dos Educandários no Brasil se deu a partir da década de 1930, no governo de Getúlio Vargas, num tempo em que os esforços pelo progresso e civilização, recebiam forte influência do saber médico, orientados pelos princípios do higienismo e da eugenia; com propostas de renovação, desenvolvimento e progresso, baseadas na regeneração social, na defesa da pátria, por meio de ações sanitárias e do controle e vigilância dos sujeitos sociais. Num período em que as ações governamentais tiveram um forte caráter intervencionista e centralizador, tais princípios tornaram-se úteis para os processos de dominação e controle social.

O interesse pelo estudo justifica-se em função desta instituição ter abrigado crianças que foram retiradas do convívio com seus familiares, por justificativas que não correspondiam às causas tradicionais presentes no país, como: o abandono, a pobreza, a orfandade, a delinquência, indicando dessa forma outra história de confinamento construída para outro grupo de crianças. O interesse em investigar a infância e as experiências educativas por meio de registros escritos e das narrativas orais dos egressos da instituição, está pautado na perspectiva de se buscar informações que pudessem retratar e nos aproximar da vida e do cotidiano na instituição; por meio dos que viveram naquele espaço e tempo, suas expectativas, seus valores e necessidades. Priore (2007) nos lembra que obtemos informações da infância no passado pela voz de médicos, professores, padres, legisladores, por isso, queremos obter informações da infância no passado pelos próprios sujeitos que a vivenciaram.

O recorte temporal é referente ao período de inauguração do Educandário em Belém -1942, e se estende até aproximadamente o período em que a instituição recebeu crianças filhas de hansenianos – 1980. A história da infância estudada possui relação com a história de

todo o aparato institucional criado para o tratamento e combate à hanseníase, doença que influenciou nas formas de organização da vida de adultos e crianças de todo Brasil. Infância e doença estão situadas como fatores estruturantes da vida social, por meio da criação de instituições para o controle, educação e cuidados dos sujeitos.

Gouvea (2009) faz referência a realidade das fontes nas pesquisas sobre história da infância e crianças. A autora destaca que a criança não é a narradora e autora de sua história, é o adulto que narra e significa a sua experiência infantil. A autora enfatiza a importância do recurso à história oral na produção da história da infância, enfatizando que a utilização da história oral,

[...] produz um relato mais vivo dos processos históricos de socialização, bem como dos espaços de inserção das crianças a partir do olhar dos sujeitos que o experimentaram, crianças concretas, que em função de sua posição social viveram de maneira diferenciada a condição infantil. (GOUVEA, 2009, p.114).

Foi com essa finalidade que as narrativas dos ex-internos, foram buscadas por meio de entrevistas, que foram orientadas pela História Oral Temática que possui como foco central um fato a ser investigado. Além da História oral temática em que valoriza-se e coloca-se em evidência o tema pesquisado, optamos também, pela história oral híbrida, pois, para Meihy e Holanda (2013), este tipo de procedimento adotado, relativiza a força única das narrativas orais, suscitando a equiparação destes com outras fontes, como as fontes documentais escritas, colocando como centralidade na pesquisa, a temática estudada. Por isso, definimos o nosso procedimento metodológico como história oral híbrida e temática, pois nesse tipo de procedimento valoriza-se o tema pesquisado e os dados orais entram em diálogo com outras fontes, que podem ser os documentos e os referenciais de análise “[...] Nesses casos, o que vale mais é a força temática que tira a força da lógica da construção da narrativa oral” (MEIHY e HOLANDA, 2013,

p.130). A objetividade da temática é mais relevante do que a construção do percurso narrativo, como é no caso da história oral pura.

Foi realizada entrevista semi-estruturada, acompanhada de um roteiro que orientou as questões a serem levantadas no diálogo com os participantes. As entrevistas foram feitas com 13 ex-internos, com idades entre 44 e 77 anos. Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes da pesquisa, para preservar as identidades destes. As narrativas se constituíram como o fio condutor da reconstituição das vivências de infância e das experiências educativas no Educandário Eunice Weaver e, foram acompanhadas por outras fontes que compuseram o conjunto das fontes investigadas; “[...] o cruzamento das diferentes fontes é fundamental para a apreensão dos processos históricos de formação da infância e compreensão das experiências infantis” (GOUVEA, 2009, p.110).

Autores como Michel Foucault, Erving Goffman e Mikhail Bakhtin nos deram aporte para as análises empreendidas. Os registros escritos foram encontrados na biblioteca virtual do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas/RJ, no Arquivo Público do Pará e no setor de obras raras da biblioteca Arthur Viana/CENTUR, em Belém/PA.

2 PARA CADA GRUPO DE CRIANÇAS UM ESPAÇO ESPECÍFICO: INFÂNCIAS, CRIANÇAS E OS ESPAÇOS PARA OS FILHOS DE HANSENIANOS EM BELÉM NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

O Brasil do início do século XX passou por um período de transformações político-sociais, referentes à instalação do regime republicano e ao início do processo de industrialização e urbanização, contribuindo com o acesso de imigrantes e com o crescimento das cidades. Priore e Venâncio (2010) informam que, no início do século XX,

o Brasil esteve marcado por crises econômicas e desemprego, situação essa que se agravava, pela alta concentração de terras, pela pobreza que assolava a população negra, em função de terem sido libertos e abandonados, sem trabalho, renda e sem direitos. As condições sanitárias e de higiene da população sugeria a proliferação de epidemias e endemias e, esta situação era explicada pela falta de higiene, cuidados pessoais e pela ignorância da população pobre. Portanto, esse era um tempo que suscitava mudanças nos hábitos populacionais e nos projetos governamentais.

Todo esse processo de transformações na vida social, política e econômica brasileira, refletiram nas formas de tratamento das crianças. A preocupação com a infância ganha destaque por meio dos discursos de desenvolvimento e progresso que se espalhavam pelo país. A criança, como peça importante do projeto civilizador, ultrapassou o âmbito da família, o âmbito da vida privada, e passou a fazer parte de um grande projeto coletivo. O interesse público pela criança, por sua educação, transforma a infância de categoria de pouco interesse, para uma categoria que é vista como o futuro da nação. Podemos afirmar que há o nascimento público da infância, que a coloca para além da instância privada, para além dos cuidados familiares.

O lugar social ocupado pela criança e seu papel na sociedade moderna foi baseado na ideia da infância como futuro da nação. As crianças foram colocadas como garantia de um futuro promissor e produtivo, mas também como sujeitos frágeis, portanto, vulneráveis às mazelas sociais, como a criminalidade e as doenças, por isso, precisavam ser protegidas dos perigos sociais que as cercavam. Essa proteção seria acionada por meio do controle e modelagem do comportamento dos sujeitos infantis, e instituições seriam criadas para cuidar de um dos elementos fundamentais do projeto civilizador do país. A garantia de um futuro promissor estaria na adoção de

mecanismos de controle das crianças, que seriam pensados e orientados por médicos, “dada a importância evidente e imediata da prática médica para a vida social urbana, sua influência foi decisiva [...]” (RIZZINI, 2011a, p.105).

Em Belém nas primeiras décadas do século XX, as ações voltadas para a infância também eram pensadas pela elite médica e política da capital. De acordo com Sarges (2010), a economia da borracha, principal atividade econômica desenvolvida na cidade até a primeira década do século XX, chegou a conquistar o segundo lugar na exportação brasileira, trazendo à capital paraense, um cenário de construção de uma nova estética espacial, tomando como referência as cidades europeias.

A cidade convivia com as contradições de um sistema desigual, em que diversos problemas sociais como os de moradia, de doenças contagiosas, de mortalidade e abandono infantil se acentuavam com o crescimento populacional desordenado. E, com a concentração das ações de limpeza e saneamento urbano nas áreas centrais da cidade, beneficiando somente as elites locais. Para os moradores da cidade foi instituída uma política e uma polícia moralizadora, saneadora, disciplinadora e modeladora de hábitos e comportamentos da população, para sanar hábitos desagradáveis e desabonadores da boa conduta e para manter a limpeza da cidade (SARGES, 2010).

Com a crise financeira da borracha, a arrecadação dos impostos, vindos com a venda desse produto, teve grande redução e os problemas sociais foram se agravando em consequência da crise econômica do Estado desde a década de 1910. Esse foi um cenário propício para a elevação da pobreza e de doenças, pois, o considerável crescimento populacional, gerado pela busca de oportunidades durante o sucesso econômico da borracha, propiciou um crescimento desordenado da cidade, com a criação de muitos

bairros com condições precárias de moradia. “[...] Apenas a elite político-econômica usufruía de um núcleo urbano com serviços básicos de infra-estrutura, como por exemplo, água encanada, luz elétrica, ruas calçadas, bondes, limpeza pública, correios e telégrafos [...]” (COELHO, 2008, p.14).

Num movimento de uma sociedade em transformação, a preocupação com as doenças e com os problemas sociais trazidos pela nova ordem econômica capitalista, suscitou: a criação de instituições que abrigassem indigentes, crianças abandonadas, pessoas acometidas por doenças contagiosas e todos os considerados perigosos que poderiam ameaçar o projeto de modernização e embelezamento da cidade.

A preocupação com as doenças contagiosas apontaria a direção que as crianças, acometidas por doenças com essas características, tomariam. Na capital paraense, nas primeiras décadas do século XX, as crianças conviviam sob a ameaça de doenças como a febre amarela, a tuberculose, a lepra, varíola, peste bubônica; que eram disseminadas pela cidade em decorrência da miséria, das péssimas condições de higiene da população das áreas periféricas, da falta de água encanada, de rede de esgoto. A importância social da infância ganha destaque nos discursos médicos, políticos e sociais, reforçando a necessidade de ações de saúde pelo poder público que promovessem o desenvolvimento saudável das crianças e, também, ações que eliminassem dos espaços públicos os pequenos abandonados e indigentes. “Nesta cruzada, asilos, escolas, orfanatos e outros foram se tornando cada vez mais, espaços de intervenção de médicos e sanitaristas [...]” (DUARTE, 2013, p.106).

Prevenção e proteção da infância são discursos que indicam um contexto de ligação dos estudos da criança com o saber médico e com as doenças. O corpo infantil tão vulnerável as doenças que

poderiam levar à morte ou à sua incurabilidade, deveria ser protegido das ameaças externas. Foi nesse contexto de propagação de doenças como a hanseníase, que emergiu a preocupação com os filhos saudáveis de hansenianos, pois as crianças que eram acometidas pela hanseníase tinham o mesmo destino de seus pais- o isolamento nos asilos-colônia.

Como os grupos familiares de hansenianos era também composto por crianças que não possuíam a doença, mas que poderiam ficar desamparadas em função do isolamento dos seus pais, o seu amparo e proteção deveria ser garantido. Conforme Monteiro (1998), muitas discussões foram travadas entre médicos para tentar encontrar soluções para o problema das crianças saudáveis. Uma alternativa pensada para a resolução desse problema seria o amparo dessas crianças por seus familiares, como tios, avós. Porém, o medo do contágio, os preconceitos e toda a construção histórica e cultural sobre a doença, afastava essa possibilidade. Os discursos médicos desse período colocavam a hanseníase como doença da infância, fortalecendo e justificando dessa forma a implantação do isolamento institucional.

A construção das instituições de isolamento teve centralidade nas décadas de 1930 e 1940 e, as recomendações internacionais eram de defesa do isolamento e da participação da iniciativa privada nas ações, tendo em vista os altos investimentos necessários para a construção e manutenção dessa rede de isolamento composta pelos Asilos-Colônia; os Dispensários e os Preventórios/Educandários. O governo federal financiou a maior parte das construções dos leprosários na maioria dos estados. O efeito quantitativo do Plano Nacional de Combate à Lepra na gestão de Gustavo Capanema resultou na construção de 18 colônias para hansenianos, na reconstrução e ampliação de mais de 14 dispensários e na construção de 24 preventórios.

No Pará, a campanha de combate à lepra, resultou na ampliação e melhoramento do asilo do Tucunduba e da Colônia do Prata; na inauguração, em 08 de Janeiro de 1939, do segundo dispensário do Estado, o dispensário Souza-Araujo, situado na Avenida José Bonifácio, no bairro do Guamá, inaugurado com a presença do médico leprologista Souza-Araujo; na construção da Colônia de Marituba, numa área correspondente a 375 hectares de terra, com início das obras em 1938 pelo governo federal, com inauguração em 15 de Janeiro de 1942 e, do Educandário Eunice Weaver, com sua construção iniciada em 20 de dezembro de 1939 e inauguração em 12 de Fevereiro de 1942², espaço que foi construído com o empenho conjunto de médicos, de representantes da elite paraense, de representantes da classe média, de políticos e instituições filantrópicas e religiosas.

A medicina como técnica política de intervenção, com o seu efeito regulamentador, seu saber-poder sobre os indivíduos e sobre a população, enfatizava a urgência na construção do Educandário. Pois, a necessidade de controle do estado sobre o corpo da população, em destaque para o corpo da criança, recebeu uma influência considerável da medicina. A medicina social do século XX exerceu seu saber-poder sobre os corpos das pessoas com hanseníase e sobre a população em geral para conter o perigo que determinado grupo representava para a população, dividindo a população em dois grupos: “[...] a que é pura e a que é impura, a quem tem lepra e a que não tem [...]” (FOUCAULT, 2010, p.40).

Pela proteção da sociedade, o isolamento foi empregado e, podemos afirmar com base em Foucault que o isolamento de crianças e de seus pais, em espaços separados, foi um tipo de racismo de Estado, que se fez presente por meio da estatização do biológico. Um

²Tratado de Leprologia (1950)

racismo que justificou políticas autoritárias, em defesa da sociedade, conduzindo o Estado a inúmeras formas de controle e domínio sobre os diversos segmentos populacionais considerados indesejáveis.

Para cada grupo de crianças foram pensados espaços específicos, possibilitando vivências diferenciadas de educação, cuidados e socialização por meio da internação e do isolamento social. O acesso das crianças aos diferentes espaços sociais e institucionais, era definido a partir de sua condição social e de saúde, ou seja, as experiências das crianças estavam relacionadas ao seu pertencimento social, de gênero, e pelas suas condições de saúde ou pela ameaça que representavam para a sociedade.

3 A ESTRUTURA, A LOCALIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO EDUCANDÁRIO EUNICE WEAVER

A estrutura, a localização e organização dos Educandários eram aspectos bastante discutidos nas conferências nacionais de assistência social aos leprosos e nas reuniões técnicas de leprologistas. Os documentos resultantes dessas reuniões compunham um conjunto de recomendações que deveriam ser consideradas na construção desse espaço institucional. Filantropia, medicina e poder público reuniam-se nesses eventos para formatar a organização e o funcionamento dos preventórios, definindo aquilo que deveria ser seguido na construção e organização dessas instituições.

Nos debates travados sobre a possibilidade de construção dos Educandários próxima aos leprosários, predominou a orientação da construção dessas instituições em local distante das colônias/leprosários, com a finalidade de diminuir os preconceitos e a associação da hanseníase com as crianças. A localização do Educandário foi uma

preocupação também destacada no relatório do I Congresso Médico Amazônico (1939), evento realizado por iniciativa da Sociedade Médico Cirúrgica do Pará e patrocinado pelos governos do Pará e Amazonas. No relatório final do congresso, composto por um conjunto de indicações e sugestões ao poder público estadual, nas recomendações referentes ao tema intitulado: Etiologia, diagnóstico e profilaxia da lepra, foi ressaltada a necessidade urgente de serem acatadas e executadas na íntegra as propostas relacionadas aos filhos de hansenianos que referendavam a construção dos preventórios como medida importante e eficaz na profilaxia da lepra e reafirmam que a organização e localização dessas instituições deveriam considerar exclusivamente a opinião dos médicos e engenheiros especializados.

As conclusões e recomendações do referido congresso deveriam ser consideradas pelas autoridades locais e suas orientações reforçavam e evidenciavam o poder e a importância atribuída às determinações médicas sobre a política de isolamento dos hansenianos e de seus filhos saudáveis. Na escolha do local para a construção do Educandário, o Estado do Pará deveria acompanhar a experiência de serviços de lepra mais eficientes e organizados como o de São Paulo.

Silva (2009) informa que, as orientações médico-sanitárias do Estado de São Paulo, recomendavam que a edificação dos Educandários fosse realizada em locais afastados dos centros urbanos, pois a construção da instituição em região central poderia facilitar o contato das crianças com a população saudável. As barreiras impostas ao contato social estavam ancoradas na estrutura fechada e na distância geográfica do espaço.

No relatório final da I Conferência Nacional de Assistência Social aos Leprosos de 1939, no terceiro tema intitulado: “Do Preventório anti-leproso. Sua organização e funcionamento” foram discutidos nessa temática assuntos como: a função, a organização e o funcionamento

dos preventórios; a preservação da prole sadia dos enfermos e o preventório anti-leproso; o problema da preservação do filho do lázaro e a organização dos trabalhos nos preventórios.

Das conclusões e recomendações aprovadas na conferência acerca da organização e funcionamento dos preventórios, destacamos as seguintes:

19º O Preventório deverá compor-se de uma creche, de um pavilhão de observação, de pavilhões gerais, de uma escola profissional ou de instituição congênere.

20º Na creche deverão ser admitidas as crianças menores de 2 anos de idade, e as nascidas nos leprosários.

21º As crianças de mais de 2 anos de idade até 12 anos, do sexo masculino, e até a maioridade as do sexo feminino, serão admitidas nos pavilhões gerais.

22º As crianças do sexo masculino, de 12 a 18 anos de idade, deverão ser encaminhadas as escolas profissionais ou instituições congêneres. (CONFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL AOS LEPROSOS, 1939)

Como o atendimento abrangia de 0 até a idade adulta, a estrutura e organização institucional foi pensada para abrigar os internos em todas as idades, com espaços específicos para cada grupo de crianças, tais como: creche, que acolhia as crianças de 0 até os 04-05 anos de idade, e os pavilhões que acolhiam as crianças a partir dos 05 - 06 anos. Tomando como base as fontes orais e escritas deste estudo, o espaço institucional foi constituído com a seguinte infraestrutura: prédio central para a moradia e administração das freiras, piscina, padaria, lavanderia, salas de aula, capela, cozinha, refeitório, creche, prédio de observação, consultórios médicos, dormitórios para meninos e meninas e uma extensa área externa composta de inúmeras árvores frutíferas, campo de futebol, parque infantil e espaço de criação de animais, como aviário e pocilga. Os pavilhões de meninos e meninas, bem como o refeitório, eram interligados ao prédio central por meio de corredores cobertos.

Existia uma conjuntura colaborativa entre diversas instâncias para

a promoção do funcionamento da instituição, as freiras da congregação Filhas da Caridade São Vicente de Paulo, administravam internamente o Educandário e a Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros (FSAL) e Defesa Contra a Lepra (DCL) era o órgão normativo, fiscalizador e orientador das ações desenvolvidas no espaço institucional, ou seja, a instituição funcionava com as normas instituídas pela federação e a congregação religiosa não tinha autonomia para gerir o patrimônio institucional e financeiro da instituição que era gerenciado pela FSAL-DCL e a Liga contra a lepra do Pará³.

Em Belém/PA, a instituição foi construída no bairro da Pratinha, na Rodovia Arthur Bernardes, próximo ao aeroporto de Val de Cans, a 10 km do centro urbano da capital, local considerado distante no período de sua construção. O empenho e a articulação dos setores públicos e privados na construção da instituição e a estrutura pavilhonar que predominou na arquitetura institucional revelam uma preocupação com a infância que esteve para além da prevenção da doença. A estrutura institucional que foi utilizada como um quartel militar do exército durante a segunda guerra mundial indica que as crianças deveriam ficar aprisionadas pela ameaça social que representavam.

O Educandário Eunice Weaver, foi inaugurado no dia 12 de fevereiro de 1942, construído num espaço de extensão grandiosa, com uma área com 400m de frente e 5.000m de fundo⁴, ou seja, uma área de 200 hectares de terra, que permitiu a construção de um local autorizado legal e, culturalmente, para isolar crianças que não possuíam hanseníase.

³Criada em 1932, sua finalidade era prestar assistência e auxílio aos hansenianos, seus familiares. Recebia apoio direto do governo do Estado e estava vinculada à Federação nas ações de combate à hanseníase, e na construção e administração dos Preventórios/Educandários.

⁴ Revista da semana 23 de novembro de 1940.

4 A HISTÓRIA DE CRIANÇAS QUE VIVERAM O ISOLAMENTO COMPULSÓRIO NO EDUCANDÁRIO

Aos egressos do Educandário foi atribuído o poder de falar da infância na instituição, destacando as narrativas de memórias que possibilitaram uma aproximação com o cotidiano vivenciado pelas crianças com base no funcionamento institucional. Nas lembranças da instituição, destacamos a singularidade das experiências, o registro da história vivida naquele espaço e tempo em que as recordações individuais, vão (re)constituindo a infância institucional. Um processo histórico, social e cultural ocorrido com um grupo de crianças que só pode ser visibilizado em decorrência dos registros de suas memórias.

4.1 As experiências das crianças com o ensino de ofícios

A oferta de ensino de ofícios no Brasil foi um projeto que esteve direcionado para crianças que viviam em instituições. Rizzini e Pilotti (2011) informam que desde o século XIX os asilos de órfãos eram criados com a finalidade de propiciar educação industrial aos meninos e educação doméstica para as meninas. Esta era uma tendência das instituições para a infância pobre e desvalida e, que foi implantada no Educandário Eunice Weaver, uma vez que a constituição de 1937 apontava como dever Nacional assegurar a formação profissional à infância e à juventude, “[...] sendo a instituição voltada para a prevenção ou regeneração, a meta era a mesma: inculcar o “sentimento de amor ao trabalho” [...] (RIZZINI ; PILOTTI, 2011, p. 20).

No Pará, no período em que o Educandário foi criado esta oferta de ensino já se constituía como uma tradição e tinha no Instituto Lauro Sodré a referência nesse tipo de ensino. No relatório de 1944 que o interventor federal no Estado encaminhou ao presidente Getúlio Vargas,

o ensino rural e profissional eram pontos de destaque, o interventor Magalhães Barata afirmava que o ensino rural e profissional deveria ser um dos focos centrais dos internatos para crianças, e sua função estaria em despertar nas crianças o gosto pela cultura da terra. Este interventor, também, destacava que a oferta de ensino profissional era um imperativo constitucional a que o Estado não poderia fugir.

O regulamento dos preventórios acompanhava essa tendência de incentivo ao ensino rural quando incluía, no quadro de seu corpo técnico, a presença de um agrônomo ou capataz rural que tinha a incumbência de:

Art. 19 – Ao agrônomo ou capataz rural competirá dar instrução prática de campo a todos os internados em idade adequada e de acordo com as indicações médicas. Compreendendo essa instrução o maior número de atividades, tais como pequena agricultura, fruticultura, jardinagem, horticultura, criação em geral, etc.

As instruções práticas de campo possuíam relação com o curso de pequena lavoura e trabalho de campo que compunha o conjunto de cursos que a instituição deveria ofertar aos internos. As narrativas indicam que a instituição ofertava todos os cursos previstos no regulamento, porém, como muitas destas atividades estavam relacionadas com o trabalho desenvolvido pelas crianças na instituição, as atividades voltadas para a educação profissional confundiam-se e misturavam-se com o trabalho realizado pelas crianças voltados para a organização e limpeza da instituição. A grande ênfase institucional nos trabalhos domésticos e agrícolas podem ser percebidos nas narrativas destacadas no quadro 01.

Quadro 01 - As narrativas sobre o ensino de ofícios

Augusto	Tinha uma escolinha lá; lembro que eu fazia atividade diária, tipo no galinheiro, eu ia pegar ovo, essas coisas, né?! Ancinhar quintal... Eu lembro muito o prédio do Educandário que como a gente ficava lá atrás pra brincar, pra pegar os ovos no galinheiro, fazer pão essas coisas, eu lembro que era lá que ficava, mas a escola em si, não ficou essa lembrança de professor, de quadro.
Lourdes	Embaixo tinham aquelas salas de aula, tinham salas para aprender fazer bordado, tinha uma moça que sabia ensinar muito bem o bordado, o nome dela era Antônia Terra, era professora do bordado. Ela ensinava tudo quanto era bordado. Eu lembro também que tinha uma sala que a gente aprendia corte e costura. Tinha muitas máquinas de costura lá. Tinha sapataria que era o seu Raimundo Popó que tinha a sapataria. Era ele que fazia os sapatos para a gente. Muitos meninos aprenderam a fazer sapatos lá com ele fazer sapato. Tinha oficina também, tinha uma oficina lá; teve uma época que teve uma padaria, que aprendiam a fazer pão, os meninos aprendiam a fazer pão. Também tinha um lugar que era fora lá do Educandário que chamavam de Porsico. E lá era só negócio de porcos e tinham alguns meninos que trabalhavam para lá, iam para cuidar desses porcos.
Conceição	Era bordado, ponto de cruz que até hoje eu gosto de fazer, eu aprendi muito a fazer bordado, pintura, pintar pano também, tinha essas atividades também lá.
Paulo	Também nós tínhamos lá atrás, não sei se você conseguiu essa foto, uma granja, era muita galinha e era a gente que dava ração para as galinhas, e a gente se perdia lá dentro.
Pedro	Estudávamos de manhã, à tarde reforço e nas outras horas trabalhava, tinha horta, plantações, quando não ia para o artesanato de cadeira, fazer mesa, cadeiras com as talas né, ou não ia aprender a ser marceneiro, ou aprendia-se mecânica ou então barbeiro que lá tinha um senhor chamado seu Popó, que também passava para nós né. Ah! trabalhar, limpar o quintal, cuidar de galinha, frango, é... de animais, cuidar de de jardim. Isso eu amava muito. Trabalhava na verdade em campo!
Antônio	[...] Capinava, a gente capinava sim. Eu até gostava. Só quando não tinha formiga, quando tinha formiga...(risos) Tinha galinha. Ah! falar agora eu me lembrei, tinha um galinheiro. Inclusive eu até trabalhei nesse galinheiro, adorava trabalhar lá. Pois é, eu sei que a gente criava porco, galinha, galinha eu me lembro muito bem que a gente criava; pato, agora pato o chiqueiro de pato era imundo. Porque sabe como é pato né?! [..] Égua tu falou em trabalhar eu me lembrei que a gente capinava. Até que eu gostava!

Fonte: Transcrições da autora, como resultado das entrevistas no ano de 2015.

As narrativas demarcam a oferta de cursos que diferenciava os gêneros, com atividades específicas para meninos e meninas. Os cursos ofertados para as meninas eram voltados para a formação em atividades que pudessem ser desenvolvidas no âmbito da vida privada,

com ênfase na formação para trabalhadoras domésticas, definindo, dessa forma, o papel e função que cada sexo deveria desempenhar na sociedade. O relatório de 1944, da interventoria no Estado, afirmava que a finalidade das instituições de assistência à infância pobre no Estado estava voltada para a preparação para a vida doméstica, com o ensino voltado para as atividades domésticas e agrícolas.

Para os meninos eram ofertados cursos de sapateiro, padeiro, e variadas atividades voltadas para o trabalho com a terra, como horticultura, jardinagem e criação em geral, conforme previa o regulamento dos preventórios. Podemos inferir que a proposta de formação profissional amparava e justificava o trabalho que as crianças desenvolviam na instituição. Escola e trabalho estão relacionados e imbricados, com a participação e exploração da força de trabalho de crianças e adolescentes. Antônio e Pedro recordam do trabalho como algo agradável, não forçado, e relatam o amor que tinham em cuidar dos animais. O trabalho para os dois ex-internos era realizado com alegria, amor e prazer.

Bakhtin (2003) afirma que abstraímos dos objetos e acontecimentos fins e valores de uma dada sociedade que dão sentido às nossas vivências. Os sentidos que Antônio e Pedro atribuíram ao trabalho, como algo vinculado ao gosto e ao prazer, foram construídos com base num contexto histórico de valorização do trabalho, de circulação de discursos que informavam o modelo ideal de comportamento, discursos que os constituíram e deram sentido às suas experiências, pois os valores sociais e culturais de uma dada realidade deixam as suas marcas nos sujeitos.

O poder da instituição sobre a vida das crianças era respaldado pelas decisões médicas, políticas e filantrópicas que eram definidas nas conferências médicas e assistenciais. Na II Conferência Nacional de Assistência Social aos Lázarus, realizada no Rio de Janeiro em 1945, foi

definido que as ações desenvolvidas pelo Educandário teriam a finalidade de tornar as crianças indivíduos úteis à sociedade, moral e profissionalmente. Esses discursos voltados à formação de uma população escolarizada, moralizada e trabalhadora, estava no centro dos ideais de formação de uma nação civilizada. Os discursos em defesa dos preventórios referendavam a garantia de um futuro promissor e, a promessa de tornar todas as crianças ali encaminhadas em homens úteis, indicam um discurso mais preocupado com a formação e constituição da sociedade do que com a criança em si.

4.2 As lembranças das experiências negativas vividas na instituição

Foram inúmeras as mutilações e mortificações do eu nas experiências vivenciadas no Educandário. Mortificação e mutilação do eu, são termos empregados por Goffman (1961), para explicar como as instituições anulam os internos padronizando as suas vidas e comportamentos, no esforço em controlar a vida diária de um grande número de internos. Para esse autor a primeira mutilação do eu nas instituições totais é o impedimento de contato com o mundo externo. A ausência de bens e a recolha de qualquer material que possa marcar o pertencimento pessoal de algum interno, também mutila o eu, e são rememorados como um acontecimento desagradável e negativo na experiência institucional.

Ao serem questionados sobre as lembranças ruins vividas na instituição, tivemos algumas respostas que foram elencadas no quadro 02.

Quadro02 - As lembranças das experiências negativas vividas na instituição

Fátima	<p>Eu me lembro benzinho que quando a mamãe... antes dela ir me buscar, foi uma época de natal que eu me lembro que a mamãe levou essa caixa de bombom pra mim. Aí eu botei debaixo do meu travesseiro, aí não podia levar; quando nós voltamos pra dormir não estava mais a caixa de bombom, eu tinha comido dois bombons. Esse sonho de valsa que eu lhe falo, eu me lembro até hoje.</p> <p>[...]a gente não tinha brinquedo né pra brincar; só quando o pai ou a mãe levavam, mas sumia, das crianças, acho que outras tiravam, escondiam; eu sei que essa minha caixa de bombom, sumiu! Até hoje eu me lembro, chega que eu chorei, eu comi dois sonhos de valsa.</p> <p>[...]Agora, só que lá no educandário, a gente era obrigado a comer o que a gente não gostava, Deus o livre! A gente apanhava se não comesse [...]</p>
Francisco	<p>A lembrança ruim também foi, foi no dia do pagamento dos funcionários, que essa Liga contra a Lepra do Pará ela pagava os funcionários lá uma vez por mês lá, eles iam lá, levavam o dinheiro, faziam o pagamento lá, e, furtaram lá, roubaram lá um dinheiro, todo o salário de uma funcionária lá né. Aí não sei como foi que ela suspeitou, não foi com a minha cara e me acusou, e não fui eu que tinha levado esse dinheiro dela, todo o salário dela. Aí eu me lembro bem que ela me pegou pelo braço, eu tinha 11 anos parece, eu era magrinho, então me levaram lá pra um quarto lá, me levaram pro quarto e pegaram aquele fogareiro, te lembra aquele fogareiro que é ligado na tomada, ele é assim, tem uma resistência, tem aqueles que fica vermelho né, então encostaram, eu me lembro bem até hoje eu me lembro benzinho, ligaram na tomada lá e aquele bicho esquentou e começaram a me interrogar, cadê o dinheiro? Cadê o dinheiro? Sabe me agarrando lá, e eu chorava que só! sabe, achando que eu tinha roubado todo o salário dela, mas não fui eu não. Nisso encostaram umas cinco vezes me interrogando onde estava o dinheiro, onde tá o dinheiro e eu dizendo não, eu não sei, eu não sei e aquele fogo na minha cara, aquele medo de queimar a minha sobancelha, aí eu chorando lá, "- tá tá eu vou dizer!" Quando ela largava eu dizia que não sabia, com medo né de... aí depois de umas cinco vezes, parece que elas se tocaram né e disseram: "- não não foi ele" e me largaram. Foi esse trauma que eu, coisa ruim que eu tenho guardado na lembrança, que me marcou, já pensou!</p>
Margarete	<p>Não gostava de fazer as coisas (risos), limpeza, eu era preguiçosa, preguiçosa! eu não gostava. Por isso que elas batiam na gente, elas mandavam né, eu apanhava né, porque eu não fazia, eu não gostava não, era muito preguiçosa.</p>
Paulo	<p>A lembrança que me marcou foi o que eu passei na mão desse Lúcio. Mas o problema é que eu escondi muito tempo também isso aí, que eu era, eu era tolido de tal forma, de perseguição, de ameaças, que eu não podia falar, tinha medo. Então essa malvadeza que fizeram comigo eu tenho sequelas até hoje, porque eu tenho problema de ouvido e estourou os tímpanos, já fiz cirurgia, eu não tenho, não escuto bem desse lado né. [...] Foi desse camburão cheio d'água que me botaram de cabeça pra baixo aí estourou meus tímpanos e essa sequela é pro resto da minha vida.</p> <p>Lá no Educandário tinha uns alimentos lá que a gente não gostava, não sei se é um peixe americano que chamam que é picadinho de peixe, horrível! Eu não conseguia comer, mas eu pegava porrada pra comer. Tinha um mingau, chamavam mingau de pão, eu acho que era só o leite</p>

	e jogavam o pão dentro e diziam que era mingau de pão, sabe, era muito difícil. As freiras não! As freiras era só comida filé mano (risos).
Conceição	O que me marcou muito foi essa maldade da Fátima mesmo, eu fiquei muito traumatizada com essa mulher viu, ela maltratava muito a gente, torturava a gente. Tu é doida! [...] A gente só comia com o cipó do lado com cinturão, porque tinha vezes que era só o dia da ossada, era só osso entendeu? No feijão; aí tinha um peixe tipo farofa, muito ruim, a gente comia a peso de porrada lá. O café da manhã era café com leite e pão normal, quando não, era bolacha, e a janta era sopa.
Pedro	Olha, a minha colocação foi assim, eu ficava muito triste com as freiras. E eu ficava triste porque muitos saíam com documento e muitos não saíam com documento. Se eu tive de ter documento, eu tive que suar, ir morar na casa dos outros, ser humilhado, lavar roupa, fazer o que quiser, trabalhar em galpão, garimpo, tudo quanto é lugar e graças a Deus isso quem me ensinou foi o mundo. Porque eu não tinha nada, não tinha nada. Eu pedia, nunca tinha tempo pra isso, nunca tinha tempo pra isso. O meu sentimento foi isso, quando eu saí, eu não saí documentado, eu tive que trabalhar pra ser documentado. [...] A única coisa que eu continuo dizendo que muito me magoou foi eu ter saído sem documento, essa mágoa.... Ah! Não conheci nem meu pai, nem minha mãe, isso era quando era criancinha era revoltado. Mas esse negócio de documento que eu tive que suar! Ah! Suei muito! Isso eu posso dizer na frente de qualquer um, sem ofender, muitos saíram com documento.

Fonte: Transcrições da autora, como resultado das entrevistas no ano de 2015.

As narrativas destacadas indicam a pluralidade das experiências no mesmo espaço de vivência. Evidencia a singularidade de cada experiência em um espaço coletivo que se organizou com a finalidade de anulação e mortificação do eu de cada criança. Pois, como instituição total visava a unidade e primava por um modelo homogêneo de vivência, num processo em que a anulação do outro se dava pela homogeneização dos comportamentos e pelo impedimento de se usufruir de qualquer coisa que não fosse comum a todas as crianças.

As lembranças de cada ex-interno exprimem a singularidade dos acontecimentos, o reencontro com imagens e cenas distintas, colocando em evidência o que se passou na diversidade e na singularidade da experiência de cada um. Em cada narrativa os sentidos dos acontecimentos tornaram as lembranças vivas, ganharam

significação histórica, são fatos que para cada ex-interno merecem ser destacados.

Fátima ao nos falar das experiências consideradas negativas na instituição tem muito presente em sua memória a impossibilidade de poder usufruir da caixa de chocolate que tinha ganhado de sua mãe durante uma visita e do quanto eram obrigados a comer o que não gostavam. As lembranças desagradáveis, para alguns, está associada à imposição em se fazer o que não queriam; como a alimentação que aparece de forma recorrente nas narrativas de Fátima, e também, nas memórias de Conceição e Paulo.

A mutilação do eu de Pedro se estendeu ao mundo externo, quando não lhe foi permitido o acesso aos seus documentos pessoais. Para Goffman (1961), este tipo de atitude institucional são barreiras colocadas entre o internado e o mundo externo, configurando-se como uma espécie de "morte civil", quando foi negado a Pedro o direito do seu registro civil, de pertencer a uma comunidade. Dessa forma, o acesso, a aceitação e sua incorporação social no mundo externo se deu com grandes dificuldades e impedimentos.

De acordo com Bakhtin (2003), o valor do corpo é uma construção de natureza social e carrega em si a expectativa da construção do reconhecimento pelo outro, do seu valor externo, ou seja, do valor social desse corpo, que pode ser identificado pelo direito ao bem estar, a segurança, a proteção. O reconhecimento do valor social do corpo da criança, não garantiu o seu direito de vivenciar a proteção, a atenção, o afeto e cuidados dentro do espaço institucional.

O amplo e grandioso espaço do Educandário e o número insuficiente de funcionários contribuíram para que as crianças fossem submetidas a práticas de violência e tortura. As crianças menores ficavam a mercê dos abusos dos internos maiores e, sem proteção, a

integridade física e psicológica de muitas crianças não foi preservada. O Educandário era um espaço de pavor para algumas crianças, as narrativas indicam a ineficácia do espaço de proteção à infância, deixando as crianças vulneráveis ao assédio e tortura física e psicológica.

As narrativas explanam os riscos que as crianças ficavam expostas, em consequência do despreparo pessoal em lidar com as crianças e de uma rotina mal administrada pelos responsáveis pela instituição, possibilitando no interior desta, o uso da violência, torturas, abusos e maus tratos praticados pelas pessoas autorizadas a cuidar e proteger as crianças. Em nome da manutenção da ordem e do controle sobre todos os internos, o mecanismo adotado dos internos maiores cuidarem dos menores, evidencia uma negligência e um descaso institucional com a proteção das crianças, em função da carência de pessoal para compor o quadro funcional da instituição.

O silêncio das crianças diante dos maus tratos e das práticas violentas exercidas pelos que recebiam a função de controlar os internos, também se faz presente nas narrativas. Para se livrarem da violência, as crianças aprendiam a obedecer e a exercer o silêncio, em função do medo e das ameaças de punição. Um tipo de relação imposta aos internos baseada na submissão e, às crianças cabia obedecer e acatar aqueles a quem era delegado o poder de controle.

O poder de controle e autoridade sobre as crianças era atribuído a qualquer pessoa considerada com condições de impor disciplina aos internos. Esse tipo de autoridade exercida nas instituições totais é definida por Goffman (1961), como autoridade escalonada, que se configura como a autoridade exercida por qualquer membro do corpo dirigente da instituição, que possuem direitos para aplicar a disciplina aos internados. Esse tipo de prática aumenta consideravelmente as possibilidades de sanção sobre os internos e, em se tratando do

controle de crianças, esse poder aumenta e pode ser utilizado de maneira abusiva em função da própria condição do ser criança.

4.3 As crianças e as experiências com a educação religiosa no Educandário

As experiências das crianças com a educação religiosa no Educandário Eunice Weaver, possui relação com os ensinamentos católicos desenvolvidos pela congregação religiosa responsável pelos cuidados e educação das crianças da instituição. O Educandário foi administrado internamente pela Companhia das Filhas da Caridade São Vicente de Paulo. A inserção das filhas da caridade no Brasil foi iniciada no ano de 1849, na cidade de Mariana no Estado de Minas Gerais. Posteriormente, a companhia expandiu-se para outros Estados, como Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina, Pernambuco e, organizaram-se em províncias, em função da grande extensão do país. A primeira província das filhas da caridade foi criada em 1860 no Rio de Janeiro, com o nome de Província Brasileira das Filhas da Caridade, esta província foi desmembrada em Província do Rio de Janeiro e Província de Fortaleza, em 1957. A província de Fortaleza foi composta até a década de 1990 pelos Estados do Norte e Nordeste⁵. As freiras que atuavam no Educandário Eunice Weaver, em Belém, estavam vinculadas à província de Fortaleza.

O Educandário reunia num só espaço todas as ações que as irmãs vicentinas tinham como foco de atuação, tais como, as ações caritativas, a educação e a evangelização de crianças, jovens e adultos. A forte presença da educação religiosa, são apresentadas nas narrativas apresentadas no quadro 03 como atividade prioritária,

⁵ As informações deste parágrafo foram retiradas da publicação comemorativa dos 150 anos das Filhas da Caridade no Brasil. Publicação intitulada: 150 anos de presença das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil. 1849-1999.

evidenciando a intenção da formação cristã católica das crianças e o cumprimento dos deveres religiosos por todos.

Quadro03- A educação religiosa das crianças no Educandário

Luciana	[...] nós tínhamos acesso à igreja que tinha lá, a igreja que nós tínhamos acesso, mas é tipo assim: hoje é o dia que você tem que ir pra rezar, a gente ia pra lá, saía de lá fechava e pronto, a gente tinha as nossas orações, era regime das freiras, a gente tinha que fazer as nossas orações todo dia, a gente tinha esse regime lá, tudo era disciplinado. Tinha padre que ia pra lá celebrar a missa aí a gente participava.
Francisco	Tinha uma capelinha lá, íamos dia de domingo na missa, as freiras que faziam lá, a oração delas acho que com os padres no meio da semana e domingo também. E a capelinha lá era toda bonitinha,
Antônia	Tinha a igreja. A capela era logo na frente do colégio, quando a gente entrava. Primeira comunhão. Lá fiz aPrimeira comunhão.
Fátima	[...] a gente estudava lá, acordava cedo, eles ensinaram muito a gente ser católico que todo dia tinha que assistir a missa. De manhã nos chamavam pra gente primeiro ir pra igreja, a primeira missão que a gente fazia era acordar e ir pra missa e depois tomar o café. E depois a gente ia, quando era criança ia pro recreio, disse eu ainda me lembro, a gente ficava lá no pátio brincando, eles ficavam tomando conta da gente e depois a gente ia almoçar, merendar. Antes do almoço, porque lá era muito católico, a gente ia de novo rezar, aí botavam a gente pra dormir.
João	Vivi a minha vida lá, estudava, ia para a igreja, para o catecismo. Era aquela vida de rotina a nossa.A gente tinha muita religião até porque trabalha com freiras né, aí pronto.
Marlene	Eu me lembro assim da... a gente cantava, a gente rezava.Me lembro. Me lembro quando cantavam, eu me lembro das missazinhas. Eu me lembro tão bem como se fosse hoje. [...] Os corredores, os santos, eu via muito Nsª Srª das Graças, os outros santos; via muito, muito mesmo.
Antônio	Agora eu estou lembrado, tem a capela, agora estou chegando lá, tinha a capela aí do lado tinha Eu até fui coroinha ali já. Foi! Tô chegndo lá! Aí tinha a sacristia, era no mesmo prédio das freiras, e a capela que era no mesmo prédio das freiras. Era, isso mesmo. Não era igreja, era uma capela que tinha lá. Na época de semana santa a gente cobria todos os santos lá, com aqueles panos. [...] a gente ia para a via sacra; isso mesmo. Sei que a gente cobria todos os santos com pano roxo. Quando foi no Sábado todo mundo tirou o santo que era aleluia, sábado de aleluia, sei que era... domingo de páscoa era gostoso, bonito lá. Tinha missa. Não lembro do padre que ia celebrar a missa lá, não me lembro. [...] Fiz primeira comunhão, me crismei lá. Tudo lá!

Fonte: Transcrições da autora, como resultado das entrevistas no ano de 2015.

A transmissão de valores morais e religiosos se fez presente na história da infância das crianças do Educandário. Tais ensinamentos envolviam a catequese para a preparação da primeira eucaristia, a missa celebrada aos domingos, as comemorações dos dias santos, as orações diárias e o ensaio de cânticos. Todos esses elementos estão relacionados com a formação religiosa que as crianças recebiam na instituição e faziam parte da vida das crianças do Educandário.

Chambouleyron (2007) informa que o ensino de cânticos, da disciplina, se fazia presente na doutrinação das crianças brasileiras desde o processo de colonização. Pois, tais ensinamentos eram compreendidos pelos religiosos como fundamental para a introjeção dos valores cristãos, para o aprendizado da doutrina, dos bons costumes e para a participação das crianças nas celebrações religiosas.

As práticas religiosas relacionadas à infância sempre tiveram relação com ensinamentos para tornar as crianças suaves e ternas. Stearns (2006) enfatiza que o tema da obediência e a necessidade de educação religiosa para as crianças sempre se fez presente em países de formação religiosa cristã, com rituais específicos envolvendo as crianças e o investimento em educação religiosa formal. A ideia de preparação das crianças para o futuro sempre abarcou os aspectos econômicos e religiosos, aliando educação moral, trabalho, disciplina e controle na preparação de futuros cidadãos.

O predomínio da orientação religiosa católica no Educandário contrariava as recomendações presentes na II Conferência Nacional de Assistência Social aos Lázarus de 1945, que no Tema II, intitulado Funcionamento e manutenção dos preventórios, informava que: "6º - Quanto a orientação moral e espiritual, recomenda-se liberdade de escolha observando-se, todavia, os princípios da crença em Deus" (p.294). As relações e alianças entre filantropia, igreja e Estado, para o

atendimento das crianças, filhas de hansenianos, nos Preventórios/Educandários, possibilitou o predomínio da orientação religiosa católica para as crianças e, evidencia uma articulação de interesses das diferentes instâncias institucionais no atendimento aos filhos saudáveis dos hansenianos.

Rizzini e Rizzini (2004) relatam sobre a forte presença de religiosos na administração das instituições para as infâncias instaladas no Brasil, predominando o modelo da vida religiosa na organização e funcionamento desses espaços institucionais, com os ensinamentos cristãos e o pouco contato com o mundo externo, “[...] o modelo do convento se impõe pouco a pouco; o internato como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito [...]” (FOUCAULT, 2013, p.137).

Com os aportes teóricos Foucaultianos, compreendemos o corpo infantil imerso num campo político e por relações de poder, no qual a rede estabelecida entre medicina, escola, filantropia, igreja e Estado, “[...] o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais [...]” (FOUCAULT, 2013, p.28). O investimento no corpo infantil visava à produção de um modelo ideal de crianças baseado na formação de seres dóceis, comportados, obedientes, tementes a Deus.

As crianças estavam presas a um sistema de sujeição cuidadosamente organizado para se tornar uma força útil, com seu corpo ao mesmo tempo produtivo e submisso (FOUCAULT, 2013). Essa sujeição a que se refere o autor visava a construção de uma infância produtiva para o trabalho, que só é possível aliada à construção de uma subjetividade bem obediente e passível de controle. E a igreja com o discurso da alma e de sua salvação, instituiu um poder de controle sobre o corpo, de controle sobre o comportamento, conduzindo as crianças a uma forma de sujeição e temor corroborados pelos

ensinamentos religiosos. Toda a vida das crianças do Educandário esteve orientada pelos preceitos católicos, com o cumprimento das regras, rituais e deveres religiosos de educar as crianças nas virtudes cristãs, moldá-las para o exercício de uma vida adulta baseada na moral e nos bons costumes.

Na imagem a seguir apresentamos um registro do investimento na formação religiosa das crianças do Educandário.

Imagem02 - Crianças do Educandário recebendo os ensinamentos religiosos



Fonte: Arquivo da Escola E. de E.F.M. Eunice Weaver.

5 CONCLUSÃO

Diferentes vozes comporam as fontes orais da pesquisa histórica, realizada neste estudo, que investigou a infância e as experiências educativas de crianças no Educandário Eunice Weaver em Belém (1942-1980). Vozes dispersas que, pelo encontro das narrativas, constituíram a categoria infância e apresentaram as experiências educativas de um grupo de crianças que viveram no Educandário Eunice Weaver. Destacamos as vivências de crianças, apresentando a unidade dentro da multiplicidade. Nesse processo, as teorizações bakhtinianas de que o eu sempre pressupõe um nós, foi evidenciada com o encontro das experiências singulares que, ao serem reunidas,

apresentaram aproximações, similaridades, sentidos que se entrecruzaram, compondo uma unidade de sentidos como nos fala Bakhtin.

Foucault nos lembra da indignidade de falar pelos outros, e, destacamos que ainda vivemos a pesquisa histórica da infância com a impossibilidade das crianças falarem por elas mesmas, nos aproximamos da infância do passado pela voz do adulto que foi criança. Por isso, o uso da história oral temática como fonte de pesquisa, como uma forma de maior aproximação com a história das crianças.

Buscamos por outra história da infância e das experiências educativas de crianças diferentes do conjunto encontrado nos documentos oficiais, para que pudéssemos dar visibilidade a outra versão das experiências dos sujeitos infantis. E a entrevista em história oral possibilitou-nos o encontro com a construção dos fatos extra-oficiais, com os sentidos das experiências de crianças que viveram a infância em uma instituição em função do isolamento compulsório.

O Educandário foi criado para atender uma política pública sanitária compulsória que preconizava o isolamento de um público de crianças específico – as filhas de hansenianos. Tal especificidade orientou a estrutura e funcionamento institucional pensada para esse grupo de crianças. Uma atenção específica dispensada à infância e a existência de uma cultura e política asilar no país, com a prática de internação, promoveu uma história de isolamento e enclausuramento de grupos de crianças, como medida de segurança da população. A criança foi vista como um perigo social, como uma ameaça à população, por isso deveria ser isolada para retirar do meio social qualquer ameaça que perturbasse a ordem e a saúde da população.

Sanear, curar, higienizar, limpar, vigiar, controlar, moldar, salvar, civilizar, eram palavras que compunham os discursos sobre o corpo infantil no período de implantação da política de isolamento

compulsório. A ameaça na infância e a infância como ameaça, revela uma postura dual do estado, em que, ora a criança aparece como um ser frágil que precisa de cuidados e educação e, ora apresenta-se como um ser perigoso que precisa ser isolado para que, em função do perigo que representa, não ameace a ordem e não promova a degeneração da raça. Foi nesse contexto dual que as crianças saudáveis, filhas de hansenianos, estavam inseridas por possuírem vínculos familiares com os portadores de hanseníase sendo vistas como possíveis contaminadas e contagiosas. E, para manter limpa a criança, para torná-la útil, foi acionado o mecanismo de proteção mais tradicional na sociedade brasileira – a internação em instituição.

Percebemos que as vivências de infância em dada sociedade são influenciadas pelos valores, pelos acontecimentos, pelo poder que emerge de grupos que determinam a organização social, que indicam os perigosos, os anormais, os que ameaçam a unidade, tendo que ser isolados para instaurar a normalidade. O isolamento institucional das crianças que viveram no Educandário Eunice Weaver é resultado de uma sociedade que viveu um momento histórico, em que a base biológica da existência orientou políticas que repercutiram na organização social, excluindo, banindo dos espaços de circulação social o corpo ameaçador. A criança foi percebida como pertencente biologicamente a uma linhagem negativa e, o isolamento e separação dos pais seria uma forma de superar aquilo que sua linhagem lhe legou.

A história da infância e a história de crianças ensina-nos a olharmos sobre o importante papel e poder atribuído na modernidade às instituições de educação de crianças, em que a educação pela imposição predominava em detrimento do diálogo. As crianças eram ensinadas desde cedo o que se esperava delas no futuro: a obedecer, a serem disciplinadas. Aos meninos e meninas foram ensinados ofícios compatíveis com o seu futuro papel na sociedade. Meninas bordavam,

costuravam, realizavam serviços domésticos de limpeza; meninos trabalhavam no aviário, limpavam, encerravam. As crianças eram contribuintes ativas na organização e funcionamento institucional.

Que o passado ensine o presente a estabelecer relações com crianças que não estejam apenas permeadas por posturas disciplinadoras rígidas, para que possamos contar outras histórias da infância/crianças em instituições educativas, em que o respeito, a escuta e o diálogo possam se fazer presentes de forma mais efetiva e para que a dimensão afetiva que envolve as relações com crianças sejam mais consideradas.

Que possamos ouvir outros sentidos das experiências educativas. As pesquisas no campo da história da infância possibilita refletirmos sobre os lugares destinados às crianças na sociedade em função da posição hierárquica que estas ocupam nas relações que estabelecem com os adultos. Por isso, a importância de problematizarmos acerca das relações que são estabelecidas entre adultos e crianças na sociedade, para que os mecanismos disciplinadores não anulem as características ativas e responsivas das crianças nas relações dialógicas que estabelecem. Pois, um dos papéis da educação é potencializar a capacidade para o diálogo e não reduzir as crianças a seres que apenas obedecem e reproduzem normas e comportamentos impostos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Tratado de leprologia**: volume II. 2.ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional da Lepra, 1950.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: PRIORE, Mary del (org). **História das crianças no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

COELHO, Maricilde O. **A escola primária no Estado do Pará(1920 -1940)**. 2008. 205 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CONFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL AOS LEPROSOS, 1., 1939. Relatório da I Conferência Nacional de Assistência Social aos leprosos. Rio de Janeiro, de 12 a 19 de novembro de 1939. Disponível em: <http://hansen.bvs.isl.br/textoc/revistas/1939/PDF/v7n4/v7n4conflepro.pdf> f. Acesso em: 15 jan. 2016.

DUARTE, Antonio Valdir Monteiro. **Orfãos e desvalidas: a formação de meninas no Orphanato Municipal de Belém do Pará (1893-1931)**. 2013. 277 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 41.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

GOUVEA, Maria C. Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria C. Soares de (org.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEIHY, José Carlos S. B; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Violência e profilaxia: Os preventórios paulistas para filhos portadores de hanseníase. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.7 n.1, p. 3-26, jan./jul. 1998.

PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. **Corpus estratificado das entrevistas em história oral temática realizada com ex-internos do Educandário Eunice Weaver**. Belém, PA: UFPA, 2015 (Digital inédito).

PREVENTÓRIOS PARA FILHOS DE LÁZAROS. **Regulamento dos Preventórios para filhos de lázaros instalados no Brasil**. Rio de Janeiro: CPDOC: Arquivo Gustavo Capanema, 1941. (Série correspondências; GC 766f).

PRIORE, Mary del (org). **História das crianças no Brasil**. São Paulo:

contexto, 2007.

PRIORE, Mary del; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

RELATÓRIO AO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA PELO CORONEL JOAQUIM DE MAGALHÃES CARDOSO BARATA, Interventor Federal. Problemas fundamentais – Idéas de Governo – Administração – Prestação de Contas. Pará, 1944.

RELATÓRIODA II CONFERÊNCIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL AOS LEPROSOS. realizada no Rio de Janeiro em julho de 1945. Disponível em: <http://www.hansen.bvs.ilsl.br>. Acesso em: janeiro de 2016.

RELATÓRIODO I CONGRESSO MÉDICO AMAZÔNICO. Relatório dos trabalhos apresentados pela comissão composta dos congressistas Pedro Borges, Clodomir Milet e Rinaldo de Azevedo, Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré (Escola Profissional do Estado), 1939.

Revista da Semana. 23 de novembro de 1940. Disponível em: <http://www.bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: janeiro de 2016.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (org.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RIZZINI, Irene. Crianças e menores: do pátrio poder ao pátrio dever. Um histórico da legislação para a infância no Brasil. *In*: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (org.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

RIZZINI, Irene. Meninos desvalidos e menores transviados: a trajetória da assistência pública até a Era Vargas. *In*: RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (org.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.

RIZZINI, Irene; RIZZINI, Irma. **A Institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

SARGES, Maria de N. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. 3ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SILVA, Cláudia Cristina dos Santos. **Crianças indesejadas:** estigma e exclusão de filhos sadios de portadores de hanseníase internados no preventório Santa Terezinha – 1930 -1967. 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2009.